

Faculdade
de Ciências Econômicas
UFRGS

análise econômica

nesta edição:

**RIO GRANDE DO SUL, 1890-1930: A
IDÉIA DA INDÚSTRIA**

Sandra Jatahy Pesavento

**DESENVOLVIMENTO DO CAPITALIS-
MO E A REFORMA AGRÁRIA NO
BRASIL**

Silvio A. F. Cário

**A PEQUENA PROPRIEDADE RURAL
EM SANTA CATARINA**

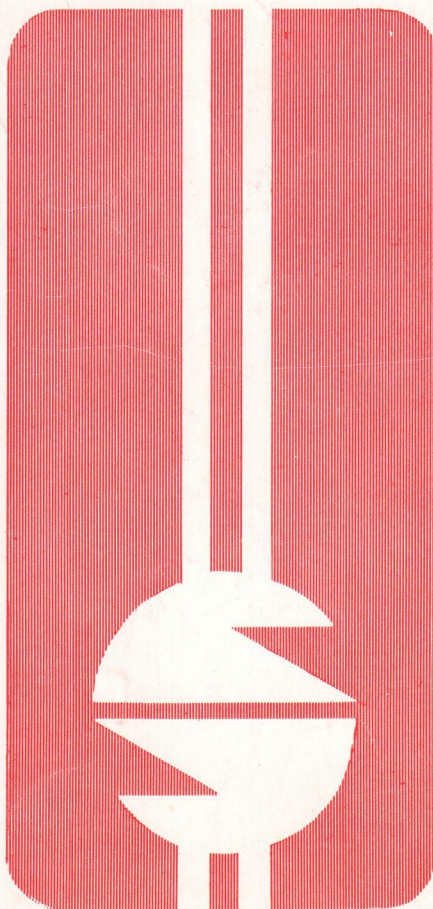
Otto G. Konzen

ECONOMIA, ECOLOGIA E POLUIÇÃO

Aloísio Ely

**TEORIA GERAL: AS CONCEPÇÕES
DE KEINES E OS MODELOS INTER-
PRETATIVOS**

Fernando Ferrari Filho



REITOR: Prof. Francisco Ferraz

DIRETOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS:

Prof. Edgar Irio Simm

VICE-DIRETOR: Prof. Walter Meucci Nique

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS:

Prof. Ernani Hickmann

CONSELHO EDITORIAL: Prof. Pedro Cezar Dutra Fonseca (Presidente)

Prof. Achyles Barcelos da Costa

Prof. Carlos Augusto Crusius

Prof. Claudio Francisco Accurso

Prof. Edgar Augusto Lanzer

Prof. Ernani Hickmann

Prof. Juvir Mattuella

Prof. João Rogério Sanson

Prof. Maria Imilda da Costa e Silva

Prof. Nali de Jesus de Souza

Prof. Nuno Renan L. de Figueiredo Pinto

Prof. Otilia Beatriz Kroeff Carrion

Prof. Paulo Alexandre Sphor

Prof. Roberto Camps Moraes

Prof. Yeda Rorato Crusius

FUNDADOR: Prof. Antonio Carlos Santos Rosa

ANÁLISE ECONÔMICA publica dois números anuais nos meses de março e novembro. O preço da assinatura para 1986 é Cz\$ 36,00, a ser pago através de cheque nominal para "Faculdade de Ciências Econômicas – UFRGS". Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para elaboração de resenhas ou resenhas.

Toda a correspondência, material para publicação, assinaturas e permutas devem ser dirigidas a:

Prof. PEDRO CEZAR DUTRA FONSECA

Revista Análise Econômica

Avenida João Pessoa, 52 – 3º andar

90.000 – Porto Alegre (RS) – Brasil

O DINHEIRO DA ALDEIA

MARIO LOUREIRO *

Quando se pretende uma análise sucinta da atividade econômica mundial, é forçoso considerar que, no substrato da estruturação econômica, neste século, está a incomum expansão populacional que trouxe a exigência de lideranças internacionalmente mais robustas e potentes, promovendo-se, por um lado, o processo de construção da hegemonia norte-americana na administração do mundo capitalista e, por outro, a construção da prevalência russa na autodefinida função de opositora do sistema ocidental, cada líder a seu modo e ambos na condição de vitoriosos de 1945 procurando ter o território europeu sob sua esfera de influência, mais para escudo e troféu do que para usufruto em funções de co-liderança.

E é por isso então que se passou ao desmerecimento inclusive militar das nacionalidades européias, as quais se rearticulam hoje em comunidade econômica regional em busca da robustez modernizante, seguindo-se a tudo obviamente um vácuo financeiro que só pode ser progressivamente preenchido pelo dólar, a moeda mais presente na grande massa monetária que circula pelo mundo a serviço da administração da economia ocidental e que atendeu, de início, a sustentação da atividade econômica européia do pós-guer-

ANÁLISE ECONÔMICA	ANO 4	Nº 7	NOVEMBRO/86	p. 97-99
-------------------	-------	------	-------------	----------

*Professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS.

ra, fluindo depois para o hemisfério sul onde financiou a modernização produtiva que ao mesmo tempo absorvesse a sobrança produção industrial do norte, endividando, no entanto, essas fracas nações meridionais em demasia, mas elevando o nível da atividade econômica a alturas tais que poderiam representar homenagem do tipo festiva colheita universal ao esforço do pensamento keynesiano que engendrara o processo praticado.

Nesse contexto, embora o território árabe fosse um forte sustentáculo como fonte energética para toda essa expansão capitalista, talvez por ser oriente e por ser médio foi deixado à margem das benesses do século e, combinando o apoio da liderança russa e os altos interesses da indústria do petróleo, elevou desde os tradicionais dois dólares por barril para os recentes quarenta dólares por barril o preço desse insumo energético vital para o Ocidente e que é quase a única riqueza daquela região. Transformando assim o minério em abundância financeira, aquelas sociedades estagnadas e ruminantes de enraizados ódios e desconfianças passaram a receber convites ao rearmamento, única produção industrial absorvível em curto prazo e grande escala, diminuindo a eficácia da segurança regional, até então embargo de duas ou três nações firmemente ligadas ao Ocidente, tudo contribuindo para fortalecer a hipótese estratégica de guerras nucleares localizadas e, na sucessão dos fatos, para impor à liderança ocidental a necessidade de instalações do gênero, inclusive de médio alcance, fixáveis no confiável território europeu ocidental.

Era preciso pois obter das nações européias a necessária concordância para isso e, bem a seu modo, a liderança ocidental promoveu então, firmemente, a diminuição relativa de dólares espalhados pelo sistema bancário mundial, de que resultaram a recessão, o desemprego e a elevação das taxas internacionais de juros de 7 para 21% entre 1981 e 1984, cabendo observar-se que houve o cuidado de se manter mais ou menos inatingida a economia japonesa; ia assim o processo coercitivo quando após pressurosa visita das lideranças mais ricas do mundo à presidência americana soube-se que fora acolhida não sem protesto a pretendida instalação de mísseis, finda a qual, já agora em 1985, volta a crescer o suprimento relativo de dólares, sendo disso farta prova a atual taxa de juros a 9%, a elevação do nível da atividade econômica e, sobretudo, a recuperação do valor das moedas européias agora confrontadas com dólares mais abundantes.

É lógico que as relativas rapidez e intensidade das mudanças no suprimento financeiro mundial não confirmaram o seu uso para

fins especificamente políticos, mas tornam seguro aos economistas afirmarem que não serviram à pura política financeira, que teria de ser corretiva no mérito e cautelosa e branda na aplicação.

Mas veja-se agora que um outro efeito dessa conjuntura coercitiva foi a duplicação da dívida externa dos países em desenvolvimento não produtores de petróleo, dado que simultaneamente cresciam o capital devido, por atraso nos pagamentos, e os juros, que eram crescentes sobre esse capital crescente, de modo que se expandiu internamente o processo inflacionário não apenas em busca de diminuir-se o impacto recessivo, como também porque se pressionaram com tais cruzeiros, extraordinariamente, os poucos recursos em dólares disponíveis internamente, dado que cada unidade empresarial tentava ou pagar ou rolar seu débito, impulsivando a taxa de juros interna e realimentando a inflação.

De tudo resulta, então, na presente fase de relações econômicas, por exigência de mínima justiça nos negócios internacionais, que se advogue, decididamente, a transferência da carga extraordinária de capital e juros, passando-a da responsabilidade de cada empresa ou banco central dos países em desenvolvimento ou não desenvolvidos, para a responsabilidade dos bancos centrais dos sete (ou mais) países mais ricos do mundo, eis que a segurança estratégico-econômico-militar desses líderes não pode ser ônus desproporcional à capacidade de contribuição de seus liderados.

Isto é, enquanto não se remover essa carga extraordinária de capital e juros inserida na dívida externa, e extraordinária porque de origem nitidamente política, não se poderá exigir, pelo menos dos países em vias de desenvolvimento e não desenvolvidos, não produtores de petróleo, a elaboração de viáveis programas de saneamento financeiro nacionais, por mera incompatibilidade entre meios e fins.

Acrescente-se, por último, que qualquer acordo entre bancos centrais americano e europeus destinado a respaldar com o dólar, a curtíssimo prazo, o valor das moedas européias economicamente mais sólidas pode ser muito útil à liquidez internacional.